



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: xxxxxxxx

**DESCONSTRUÇÃO E INCLUSIVIDADE NAS AULAS REMOTAS DE
HISTÓRIA: NÃO EXISTE LÁPIS COR DE PELE**

***DECONSTRUCCIÓN E INCLUSIVIDAD EN CLASES DE HISTÓRIA
REMOTA: SIN LÁPICES DE PIEL***

José Luiz Xavier Filho
Prefeitura Municipal da Lagoa dos Gatos - PE/Brasil

RESUMO

Este artigo é fruto de um projeto pedagógico realizado em 2020, dentro do ensino remoto, com turmas do 6º ano do ensino fundamental dos anos finais de nome: “Esse lápis não me representa”, objetivando a reafirmar a importância da aplicação da Lei 10.639/2003 como ferramenta fundamental no combate ao racismo dentro do espaço escolar. O ensino e valorização da História e Cultura Afro-brasileira e Africana durante todo o ano letivo, não pode se restringir apenas às datas comemorativas, como o dia 20 de novembro, além de ajudar no combate ao racismo, é importante para elevar a autoestima de estudantes negros (as) / pretos (as). Percebe-se que é possível haver uma mudança de atitude de todos os estudantes, negros e não negros, objetivando a promoção de uma educação antirracista e de promoção do respeito à diversidade e combate ao racismo, tornando a escola em um lugar democrático e plural.

Palavras-chave: Educação Antirracista. Ensino de História. Projeto Pedagógico.

RESUMEN:

Este artículo es el resultado de un proyecto pedagógico realizado en 2020, dentro del aprendizaje remoto, con las clases de 6º de primaria en los últimos años de nombre: “Este lápiz no me representa”, con el objetivo de reafirmar la importancia de aplicar la Ley 10.639 / 2003 como un herramienta en la lucha contra el racismo en el espacio escolar. La enseñanza y apreciación de la Historia y Cultura Afrobrasileña y Africana a lo largo del año escolar no puede restringirse a fechas conmemorativas, como el 20 de noviembre, además de ayudar a combatir el racismo, es importante elevar la autoestima de los negros. / estudiantes negros. Se advierte que es posible cambiar la actitud de todos los estudiantes, negros y no negros, con el objetivo de promover la educación antirracista y promover el respeto a la diversidad y combatir el racismo, haciendo de la escuela un lugar democrático y plural.

Palabras clave: Educación antirracista. Enseñanza de la historia. Proyecto pedagógico.

1. INTRODUÇÃO

A relação entre escola e cultura foi incorporada nas políticas educacionais visando a três objetivos: o reforço na autoestima dos alunos, o fortalecimento das identidades sociais, e a ampliação dos repertórios culturais. Assim, dando ênfase a construção de uma “cultura de paz” tendo em vista matizar, por meio da educação, as relações sociais violentas e competitivas existentes nas sociedades ocidentais.

Obviamente, o incentivo à cultura, em todos os seus matizes e definições, é um caminho importante que deve estar paralelo à promoção da cidadania em qualquer projeto educacional. De fato, as experiências culturais, dentro e fora da escola, complementam e interagem com a formação escolar. No limite, a própria experiência escolar faz parte da vida cultural de uma sociedade.

Sendo assim, a discriminação racial no interior do ambiente escolar não aparece apenas sob a forma de agressão e de uma hostilidade explícita (GOMES, 1995), mas está presente também nas atitudes diferenciadas em relação às crianças negras e brancas, assim como nas práticas e discursos dos educadores e diretores das instituições escolares. Também é demonstrado que a inferioridade do negro é uma construção cultural, pautada no preconceito racial.

É na escola que o indivíduo tem acesso a valores trazidos por outros seres humanos, sejam professores e professoras ou alunos e alunas, basicamente é nesse ambiente que, o indivíduo em formação, aprenderá não só o conhecimento básico, mas os valores sociais que conduzirão à quebra dessa inferioridade racial, impregnada culturalmente, para promover o término do racismo. Sendo assim, podemos afirmar que a ideia de inferioridade do negro é uma construção social, esse processo impregnado pode ser desconstruído e nada mais favorável que seja realizado no ambiente escolar.

O projeto pedagógico que relataremos, “Esse lápis não me representa”, foi realizado com as turmas dos 6º anos do Ensino Fundamental dos Anos



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: xxxxxxxx

Finais, da Escola Municipal Cordeiro Filho, localizada no município da Lagoa dos Gatos, pequena cidade do agreste pernambucano. A prática foi vivenciada de forma remota, tendo em vista da sua execução, no mês de novembro de 2020. As turmas dos 6º anos foram escolhidas por serem os “novatos”, já que são os discentes em transição, e por virem do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais carregados com ideias preconceituosas veladas e enraizadas.

Logo, o nosso objetivo foi trabalhar a desconstrução da ideia do “lápiz cor de pele” e abrir o espaço escolar para o novo debate sobre colorismo e seu entendimento. A necessidade surgiu durante conversas e reuniões entre professores e professoras de disciplinas diferentes e após vários docentes relatarem casos de alunos que sofrem constrangimento e até agressões de colegas de sala de aula devido a sua cor. Com isso, perceberam a necessidade de mudança na maneira de ensinar sobre os tons de pele e como abordar sobre esse tema nas aulas ministradas.

2. CORPO DO ENSAIO

Ensinar História não é uma tarefa fácil. Afinal, como explicar métodos tão diferentes, questões tão complexas e que tomam tempo de gerações de historiadores, para alunos e alunas que, muitas vezes, terão aulas desta disciplina somente até o Ensino Médio?

A simples repetição de conteúdos acaba por dificultar o entendimento da disciplina, obrigando docentes e discentes à reprodução de conteúdos e afastando o ensino histórico do processo de elaboração do conhecimento. Nesse sentido, vale perguntar, para que serve a História? Ao longo dos tempos, o seu ensino sempre teve uma função. No caso brasileiro, tinha um

fundamento religioso e acabou por se encarregar de formar cidadãos (FERREIRA; FRANCO, 2010).

De uma forma de ou de outra, a História escolar serviu a projetos de identidade, fosse da nação ou de determinados segmentos sociais. Esse comprometimento moral, que fornece afirmações taxativas sobre o passado baseados numa orientação, acaba por contribuir para a produção de discursos unilaterais comprometidos com os ideais do momento, afastando a multiplicidade de visões que constituiu a produção do conhecimento.

2.1 Diálogos teóricos

O ensino de História nas escolas de Ensino Fundamental não pode se limitar a uma mera submissão ao conhecimento produzido pelos historiadores. Estudantes e professores(as), geralmente, dialogam com os conhecimentos eruditos do currículo da disciplina, produzem e (re)produzem conhecimentos históricos. Os docentes então, não são meros reprodutores de conhecimentos produzidos por pensadores que se encontram fora do ambiente escolar.

Rüssen (2006) afirma que o aprendizado da História não deve se limitar à aquisição do conhecimento histórico como uma série de fatos objetivos. Para além dessa perspectiva, ele deve atuar como regra nos arranjos mentais tornando-se, de forma dinâmica, parte integrante da vida do sujeito. Em outras palavras, o conhecimento histórico não significa simplesmente o acúmulo de uma quantidade de informações relacionadas a fatos do passado.

Na perspectiva da consciência histórica, o conhecimento histórico deve servir como uma ferramenta de orientação temporal que levaria a uma leitura do mundo no presente e embasaria uma avaliação quanto às perspectivas de futuro alicerçadas nas experiências humanas do passado. Desse modo, aqueles que desenvolveram a consciência histórica não conheceriam apenas o passado, mas utilizariam esse conhecimento como meio para auxiliar a compreensão do presente e/ou “antecipar”, no plano mental, o futuro em forma de previsão pertinente (MEDEIROS; BARCA, 2006).

Contudo, não podemos colocar toda a responsabilidade na escola, já que a socialização ocorre também em outras localidades, entretanto o espaço escolar é um ambiente favorável para “provocar” mudanças de conceitos e



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: xxxxxxxx

preconceitos, através de novas didáticas onde projetos baseados na Lei 10.639/2003, são fundamentais no combate ao racismo. De alguma forma, esse envolvimento deve acontecer em toda a estrutura escolar: corpo docente, discente, direção, coordenação, servidores e comunidade escolar, pois somente militantes e educadores negros e negras, não serão suficientes para uma tarefa tão gigantesca.

Segundo Carneiro (2014) abordar a questão racial traz desconfortos e confortos, o que é muito salutar para a formação de consciências e para a desconstrução de conceitos e preconceitos arraigados em crianças, jovens e adultos. O esclarecimento destes também é fundamental para que se possa lutar pela construção de uma educação antirracista. O conceito de raça definido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais informa que:

[...] se entende por raça a construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado. Cabe esclarecer que o termo raça é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira (BRASIL, 2004, p. 13-14).

Conforme as Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2004), o termo raça foi ressignificado pelo movimento negro, pois, “em várias situações, o utiliza com sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos”. É imprescindível explicar, ainda, que o termo étnico, quando empregado na expressão étnico-racial, demarca que as relações tensas devido às diferenças na cor da pele e traços fisionômicos dizem respeito à raiz cultural advinda da ancestralidade africana, que é bem diferente da visão

de mundo, dos valores e dos princípios das populações asiática, indígena e europeia (BRASIL, 2004, p. 15).

É preciso adotar ações afirmativas e um modelo de desenvolvimento que inclua os afrodescendentes para combater o racismo de maneira eficaz. Muitos estudantes usam vários adjetivos para negar sua identidade. Dizem que são morenos, mulatos ou pardos. Porque ser negro não é valorizado socialmente. O racismo existe, porém para muitos ainda é visto com superficialidade, como, por exemplo, as falas de cunho racistas muitas vezes são vistas como “brincadeira”. Logo, culpar os negros pelo racismo também é comum.

Segundo as Orientações Pedagógicas sobre História e Cultura Afro-Brasileira (2012), a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar, nesse caso, a escola tem a responsabilidade social e educativa de compreendê-la na sua complexidade, respeitá-la e lidar positivamente com a mesma afim de trabalhar a autoestima dos estudantes durante sua trajetória educacional. A Educação voltada para as relações étnico-raciais deve se fundamentar na construção de um projeto de sociedade comum a todas e todos, prevalecendo assim, a troca de conhecimentos e a quebra de desconfianças.

Para ser bem-sucedida dentro do campo da educação para as relações étnico-raciais, a escola, além de desconstruir o racismo e combater a discriminação, tem que planejar suas ações com vistas a garantir que as temáticas da diversidade étnico-racial estejam presentes no cotidiano escolar (ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS, 2012).

É sob essa perspectiva que nos debruçamos, sobre a relevância e a abordagem de pautas inclusivas dentro do espaço escolar, tendo a consciência de que os debates por uma educação antirracista, podem e devem ser construídas em sala de aula, tornado desta forma a escola em um lugar plural, diverso e democrático.

2.2 Relato da experiência

Nesta seção, relatamos uma experiência concreta de trabalho interdisciplinar realizado de forma remota, através da plataforma *Google Meet*,



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: xxxxxxxx

durante a Semana da Consciência Negra do ano de 2020, ocorrido na Escola Municipal Cordeiro Filho, Lagoa dos Gatos, Pernambuco, com turmas dos 6º anos do Ensino Fundamental dos Anos Finais. O projeto teve por base primeiramente a reprodução do curta-metragem, disponível na plataforma *YouTube*, “Dudu e o lápis cor de pele”², produção da *Cinema na Veia Produções - Take a Take Films*, direção de Miguel Rodrigues, e roteiro de Cleber Marques.

O curta narra a história de Dudu, um garoto negro, inteligente e imaginativo, estudante de um colégio particular da classe média de São Paulo. Durante uma aula de educação artística, sua professora Sônia, diz a ele que utilize o que ela chama de “lápis cor da pele” para pintar um desenho. A frase desperta nele uma crise de identidade. Com toda a inocência de uma criança, Dudu passa a carregar o lápis em questão consigo para encontrar alguém que possa sanar seus questionamentos. Sua mãe, Marta, logo percebe e resolve ir até a escola da criança tomar satisfações sobre o ocorrido. A professora justifica-se dizendo que falou de forma automática, sem pensar. No meio da discussão, ele foge, levando consigo seu “lápis cor da pele”. Sua mãe e sua professora passam a procurá-lo desesperadamente. Passa por diversos lugares da cidade até encontrar Madalena, uma antropóloga e curadora de arte. Madalena e Dudu criam uma empatia imediata e mútua e ela, através do seu conhecimento, mostra ao garoto o quanto a etnia e a cultura negra são importantes. Ela explica que o nome “Dudu” em iorubá se escreve “Dúdú”, e significa negro. Ele, rapidamente, identifica-se com as coisas que Madalena diz, e desenvolve um sentimento de orgulho por sua etnia. Com isto, resolve que a partir daquele dia não quer que o chamem por seu nome “Eduardo”, e sim por “Dúdú”.

O curta foi assistido pelas turmas dos 6º anos, como já foi mencionado, por detectarmos que já trazem consigo cargas de estereótipos, não vindo apenas do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais (1º ao 5º ano), mas principalmente do cotidiano. Consideramos que as crianças, ao reproduzirem expressões e comportamentos que desqualificam os colegas, ou se autodesqualificam, devido às suas características étnico-raciais são agenciadas pelo discurso dominante, que constrói padrões de beleza baseados na tradição ocidental, cristã, branca e masculina.

Sendo assim, entendendo que os comportamentos racistas, são inter-relacionados e decorrem dos processos de discriminação e das formas de preconceito racial, veladas ou não, que se fazem presentes na sociedade brasileira. O projeto pretendeu desenvolver atividades pedagógicas que tratassem o tema da identidade étnico-racial de forma lúdica, criativa e crítica, buscando contribuir para a conscientização das crianças e, sobretudo, para o fortalecimento da autoestima dos discentes negros(as).

Sobre o projeto, achamos oportuno compartilhar com os leitores e leitoras:

1. Justificativa:

A afirmação da identidade das crianças afrodescendentes e oriundas de outras minorias deve ser um dos principais objetivos da educação, tendo em vista que a baixa autoestima pode ser gerada por comportamentos preconceituosos na sociedade e, conseqüentemente, na escola, constitui um fator de grande impacto no sucesso escolar. O projeto pedagógico é feito com o propósito de construir situações de aprendizagem, em que a fragmentação do conhecimento seja evitada.

2. Objetivos:

- Estimular o respeito à diversidade étnico-racial;
- Contribuir para o fortalecimento da autoestima dos alunos da Escola Municipal Cordeiro Filho;
- Despertar a consciência crítica a respeito dos preconceitos e dos mecanismos de exclusão que perpassam a sociedade brasileira.

3. Culminância do projeto:



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: xxxxxxxx

- Interatividade e exposição dos trabalhos realizados pela plataforma *Google Meet* com duas horas de duração, durante cinco dias, de segunda a sexta, 16 a 20 de novembro de 2020.

O ponto máximo da atividade culminou com uma grande apresentação dos conteúdos pesquisados, de forma virtual, incluindo os materiais feitos pelos alunos: poemas, frases de impacto, narrativas de vida, análises históricas, cartazes sobre desconstrução de estereótipos e pesquisas sobre o colorismo. Foi uma importante experiência que exigiu comprometimento de cada professor e professora no trabalho cooperativo, cujo desafio fortaleceu o grupo, fazendo valer a tentativa e concretização do trabalho interdisciplinar.

A superação da educação tradicional passa pela busca de uma prática pedagógica que integra os conteúdos, ultrapassando o conhecimento fragmentado e descontextualizado para privilegiar a interdisciplinaridade. Sabemos que a prática de trabalhar com projetos de pesquisa é de grande valor para a integração e desenvolvimento dos conhecimentos e competências dos alunos, pois favorece a reelaboração de conteúdos já aprendidos.

Ao trabalhar esse projeto de pesquisa, os alunos foram encorajados a investigar um determinado tema ou aspecto dele, a questão do lápis cor de pele, organizar seu trabalho, partilhar as decisões e administrar etapas, além de expressar resultados através de várias formas como palavras ditas e escritas, pinturas, desenhos, colagens, músicas e outras tantas formas de representações.

O objetivo geral do trabalho com projeto foi estabelecer uma relação de contextualização do conteúdo abordado durante as aulas remotas, a exposição do que ia ser vivenciado, com o saber apreendido pelos alunos e alunas. Escolhemos o tema que foi capaz de unir os docentes a trabalharem em torno de um objetivo em comum: a desconstrução da ideia que existe um lápis cor de

pele. Nesse caso, a atuação não se encontra determinada por nenhuma disciplina (História, Arte e Língua Portuguesa), mas por um desejo comum de promover uma ação concreta na qual as áreas de ensino funcionem como diferentes possibilidades de ação e intervenção sobre a realidade.

Os produtos finais fizeram parte de uma exposição organizada por cada turma, uma por dia, de segunda à sexta, do 6º A ao 6º E, contemplando as cinco turmas de 6º anos do Ensino Fundamental dos Anos Finais. Com o projeto, as crianças concluíram que usar o lápis de cor bege ou rosa como cor de pele é uma convenção e não representa a diversidade encontrada na sociedade. Também aprenderam que por trás desse tipo de padrão existe uma série de questões sociais e culturais envolvidas, que precisam ser debatidas para que preconceitos e estereótipos não sejam perpetuados. Dessa forma, chegaram à resposta para a pergunta título deste projeto: a cor da cor da pele é a cor que a pele de cada um tem.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O trabalho com atividades que resgatam a história pessoal e do grupo de convívio dos alunos conduz à construção de identidades e à compreensão das relações humanas e sociais ao seu redor. O estudo da importância da desconstrução da ideia do lápis cor de pele auxilia na percepção da história de vida e de representação de cada aluno e aluna quem compõem o corpo escolar.

Para muito além do colorismo, o projeto conseguiu problematizar sobre os movimentos e lutas dos afrodescendentes por direitos no Brasil, abordando as iniciativas para a valorização étnica e da cultura desenvolvidas por diferentes organizações e movimentos. Destacamos também os temas abordados como preconceito e racismo, que muitas vezes são alimentados pela concentração de renda, pelos privilégios de quem tem o poder econômico e político.

Se realmente queremos construir uma sociedade igualitária, é necessário compreender qual o papel que cada estrutura socioeconômica desempenha na reprodução do racismo, a fim de desenhar estratégias eficazes para o seu enfrentamento. Nesse cenário, o combate à desigualdade racial



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: xxxxxxxx

dentro da escola é essencial, enquanto elemento indispensável para qualquer mudança, de modo que sem uma educação efetivamente antirracista não é possível pensar em uma sociedade igualitária. Obtivemos o apoio dos alunos e alunas, e a escola em si abraçou a causa, e nos foi permitido parar durante uma semana para culminância do projeto.

É um passo simples para muitos, mas grandioso para uma escola que está inserida dentro de um município patriarcal, machista e intolerante com as religiões de matrizes africanas. Não resolvemos e nem findamos o preconceito e o racismo dentro o espaço escolar, isso seria utopia, mas estamos trabalhando com o fortalecimento da autoestima e valorização da cor com discentes que antes nem queriam ser chamados de negros/pretos e atribuíam sempre o uso da palavra “moreninho/moreninha”.

4. REFERENCIAS

BARCA, Isabel. Literacia e consciência histórica. **Educar**, Especial, p. 93-112. Editora UFPR. Curitiba, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SEF, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientação e Ações para a Educação das Relações Étnicos-Raciais**. Brasília: SECAD, 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Aprendendo História: reflexão e ensino**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

MEDEIROS, Daniel Hortêncio de. Manuais didáticos e a formação da consciência histórica. **Educar**, Especial, p. 73-92. Editora UFPR. Curitiba, 2006.

RÜSSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectiva a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**. v. 1, n. 2, p. 7-16, Ponta Grossa, PR. jul.-dez. 2006.

SILVA, Ana Célia da. Pesquisa Estereótipos – Assimilação, tipos e Preconceitos em relação ao negro no livro de Comunicação e Expressão de Primeiro Grau, 67 História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados nível 1 (1ª à 4ª séries). *In: Educação e Discriminação dos Negros*. Ministério da Educação, FAE/Instituto de Recursos Humanos João Pinheiro-Belo Horizonte/MG, 1987.

Credenciais da/os autora/es

XAVIER FILHO, José Luiz. Graduado em História (UPE), graduando em Sociologia (UNIFAVENI), especialista em Ensino de História (UNIFAVENI), e em História e Cultura Afro-Brasileira (IPEMIG), mestrando em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas (UPE), professor de História do quadro efetivo da rede municipal de ensino do município da Lagoa dos Gatos – PE, ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4762429040202808>, e-mail: jlxfilho@hotmail.com.

Endereço para correspondência: José Luiz Xavier Filho. Rua Feliciano de Barros, 43, Centro, Cupira – PE, 55460-000; e-mail: jlxfilho@hotmail.com.

Como citar este artigo (Formato ABNT): XAVIER FILHO, José Luiz. **ENSINO DE HISTÓRIA E DESCONSTRUÇÃO NECESSÁRIA: NÃO EXISTE LÁPIS COR DE PELE**. *Educação, Psicologia e Interfaces*, v. ____, n. ____, p. x-x, 2021.

Recebido: 17/05/2021.